

WALTER BENJAMIN

Errância e sobrevivência numa era de catástrofes

Márcio Seligmann-Silva

Walter Benjamin nasceu em 15 de julho de 1892, em Berlim, filho de Emil Benjamin (1866-1926, comerciante e leiloeiro de antiguidades, um *bon-vivant* que durante muitos anos pôde oferecer uma vida de luxo à sua família) e Pauline Schönflies (1869-1930, que provinha de uma família de comerciantes). Eles representavam de modo paradigmático a situação dos judeus assimilados na Alemanha. Mas o antissemitismo não deixou de marcar Benjamin já em seu nome. Ele foi agraciado com um bem sintomático Walter Benedix Schönflies Benjamin. Benedix era uma homenagem ao avô paterno e Schönflies, o nome de solteira da mãe. Em um texto autobiográfico de 13 de agosto de 1933, em plena era nazista, portanto, lemos: “Quando eu nasci meus pais tiveram a ideia de que eu pudesse me tornar um escritor. Então seria bom que ninguém notasse imediatamente que eu era um judeu”. Daí, segundo essa leitura bem contextualizada, eles terem dado a Benjamin esses dois nomes do meio que ele mesmo só muito tardiamente foi descobrir.*

Benjamin teve aparentemente uma infância segura e feliz. Em seus escritos autobiográficos lemos sobre seus passeios com a babá pelas ruas de Berlim e pelo famoso zoológico dessa cidade. Em 1904, devido a problemas de saúde, Benjamin foi internado em uma escola no campo, o Landerziehungsheim de Haubinda. Lá teve pela primeira

* Werner Fuld, *Walter Benjamin zwischen den Stühlen*. Munique-Viena: Hanser, 1979, p. 23.

vez contato com a pedagogia e o pensamento de Gustav Wyneken (1875-1964), personalidade que também o marcaria durante a época de estudante. Poucos anos depois de sua volta em 1907 à escola Kaiser Friedrich, Benjamin já publicou, em 1910, artigos e poemas na revista *Der Anfang* [*O início*], que seguiam a orientação de Wyneken. Em 1912, fez seu Abitur (exame de conclusão do período escolar). A influência de Wyneken durou cerca de dez anos e se estendeu sobre seu modo de ver a educação, a relação entre as gerações e sobretudo sobre sua concepção da juventude como um momento com uma importância em si e que serviria como autoafirmação e resistência à imposição da visão de mundo dos adultos. Em 1914, Benjamin rompeu com Wyneken devido ao entusiasmo belicista deste último diante da Primeira Guerra Mundial. Como Werner Fuld, um dos biógrafos de Benjamin, notou*, posteriormente Hitler angariou tanto partidários quanto conceitos e uma visão de mundo em meio a esses jovens. Mas Benjamin soube se afastar a tempo dessa influência.

Em 1912, Benjamin inicialmente passou um semestre na Universidade Albert Ludwig de Freiburg, onde frequentou os cursos de Heinrich Rickert sobre “Darwinismo como visão de mundo” (Heidegger também estava entre os ouvintes desse curso) e de Friedrich Meinecke sobre “História geral do século XVI”, além de ter frequentado as aulas de Jonas Cohn e Richard Kroner.** Nesse ano Benjamin entrou em contato pela primeira vez de modo mais sistemático com o sionismo e, numa carta enviada em outubro a Ludwig Strauss (com quem tratou longamente

* Id., p. 38.

** Willem van Reijen e Herman van Doorn, *Aufenthalte und Passagen. Leben und Werk Walter Benjamins*. Eine Chronik. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2001, p. 22, 25.

de questões judaicas), ele escreveu: “Sou judeu e, quando vivo enquanto uma pessoa autoconsciente, vivo como judeu autoconsciente”.* Mas o judaísmo teria apenas um papel secundário em suas convicções políticas, que então oscilavam entre um anarquismo de esquerda e a social-democracia.

No semestre de inverno de 1912-1913, Benjamin estudou na Universidade de Berlim, onde frequentou aulas de Georg Simmel, Ernst Cassirer, Kurt Breysig (um dos poucos professores de quem Benjamin gostou) e Brenno Erdmann, entre outros. Em 1913, fez algumas viagens importantes, como sua primeira ida a Paris (onde depois passou boa parte de seus anos de exílio) e a Colmar. Nesta cidade, foi visitar o famoso quadro de Matthias Grünewald, o *Altar de Isenheim*. Em Basel pôde ver as gravuras de Dürer *O cavaleiro, a morte e o diabo* e *Melancolia I*. Em uma carta lemos: “Apenas agora tenho uma ideia da violência de Dürer e sobretudo *Melancolia* é uma página indizivelmente profunda e cheia de expressão”.** Seus artigos desse ano ainda se encontram dentro da esfera de influência de Wyneken e tratam da metafísica da juventude em oposição a uma cultura adulta que se legitimaria por detrás da máscara da experiência (*Erfahrung*, conceito que depois, nos anos 1930, ele trataria de modo mais positivo). No início de 1914, Benjamin foi eleito presidente da liga livre de estudantes de Berlim, e sua conferência como novo presidente foi o ensaio “A vida dos estudantes”. Neste trabalho, critica a “deformação do espírito criador” dos jovens em “espírito profissional”. Sua pregação em nome da juventude mistura elementos de uma filosofia

* Walter Benjamin, *Gesammelte Briefe*, org. por Christoph Gödde e Henri Lonitz. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, vol. I: 1910-1918, 1995, p. 71.

** Benjamin, 1995, op. cit., p. 143.

da história messiânica, que posteriormente ele formularia melhor: “Apenas a confessada nostalgia de uma infância feliz e de uma juventude digna é a condição da criação. Sem isso, sem o lamento de uma grandeza perdida, não será possível nenhuma renovação de sua vida”.* Em outubro do mesmo ano, o amigo de Benjamin Fritz Heinle suicidou-se junto com a amiga Rika Seligson, em parte devido ao início da guerra. Benjamin ficou muito abalado com esse fato e dedicou alguns sonetos ao amigo. Seu ensaio sobre Hölderlin iniciado nesse ano (“Dois poemas de Friedrich Hölderlin. ‘Dichtermut’ e ‘Blödigkeit’”), ele dedicou a este amigo. No semestre de inverno de 1914-1915, acompanhou com entusiasmo o curso de Ernst Lewy sobre Humboldt, em Berlim.

Em julho de 1915, Benjamin se tornou amigo de Gershom Scholem e passou o semestre de inverno em Munique, onde estudou com o americanista Walter Lehmann (1878-1939). Nesse seminário conheceu Rainer Maria Rilke, que também o cursou. O ano de 1916 foi muito importante na produção intelectual de Benjamin. Nesse período, ele escreveu não apenas o que seria um primeiro esboço de seu livro sobre o drama barroco alemão (os artigos “Trauerspiel und Tragödie” [Drama barroco e tragédia], “Die Bedeutung der Sprache in Trauerspiel und Tragödie” [O significado da linguagem no drama barroco e na tragédia]), como também compôs seu longo ensaio “Über die Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen” [Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana].

Em 17 de abril de 1917, Benjamin se casou com Dora Pollak. Nesse ano ele começou o trabalho de tradução de poemas de Baudelaire e estudou intensivamente as obras de

* Walter Benjamin, *Documentos de cultura, documentos de barbárie*, org. W. Bolle. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1986, p. 158.

Friedrich Schlegel e Novalis. Se mudou para Berna, onde continuou seus estudos frequentando as aulas de Richard Herbertz, seu futuro orientador de doutorado. Ele escreveu então o importante ensaio “Über das Programm der kommenden Philosophie” [Sobre o programa da filosofia vindoura]. Aqui ele propõe uma mudança no kantismo, sobretudo no conceito de experiência (e, conseqüentemente, no próprio conceito de conhecimento) dessa filosofia, sugerindo que fosse além do modelo que Kant tomara da física newtoniana.

O ano de 1918 foi preenchido não apenas com um trabalho intensivo na sua tese sobre os primeiros românticos alemães, mas também com o nascimento de seu primeiro e único filho, Stefan Rafael, em 11 de abril, em Berna (Stefan viveu até 1972, vindo a falecer em Londres). No ano seguinte, Benjamin conclui e defende, com nota máxima, sua tese sobre *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*.^{*} Essa tese deve ser vista não apenas dentro do contexto da sua própria obra, ou seja, no seu papel de sistematização da leitura que ele fizera dos autores do romantismo de Iena, mas também como um texto fundamental dentro da própria bibliografia sobre F. Schlegel e Novalis.

Nos anos imediatamente posteriores ao doutorado, Benjamin escreve uma série de ensaios e pequenos textos, todos com uma marca muito esotérica, nos quais tanto articula uma teoria política como também desdobra sua filosofia da linguagem, suas ideias messiânicas, bem como uma reflexão sobre a percepção corpórea do mundo. Em seu pensamento atuam em iguais doses a história da filosofia (pensada em sentido amplo, incluindo também a religião), a literatura e as artes plásticas. Entre esses textos destaco

* Walter Benjamin, *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*, trad. pref. e notas M. Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras/EDUSP, 1993.

o importante ensaio “Zur Kritik der Gewalt” [Crítica da violência, crítica do poder]*, o fragmento teológico-político e o ensaio “Die Aufgabe des Übersetzers” [A tarefa do tradutor], na verdade a introdução às traduções de poemas que Benjamin fizera dos *Tableaux Parisiens* de Baudelaire, escrito em 1921 e publicado em 1923.

Em 1921, durante uma estada em Munique, Benjamin adquiriu o quadro *Angelus Novus*, de Paul Klee. Ele passou o verão na casa de Leo Löwenthal em Heidelberg. Nessa ocasião frequentou as aulas de Karl Jaspers e Gundolf, assim como se encontrou esporadicamente com o poeta Stefan Georg.** Como escrevem Van Reijen e Van Doorn com relação a essa estada: “Heidelberg foi para Benjamin decerto mais ou menos uma *cidade arruinada*. Não apenas ele tentou em vão se aproximar de Jula Cohn, mas aqui fracassou também sua primeira tentativa de iniciar o processo de uma livre-docência, *porque já haviam aceitado um judeu, Karl Mannheim*”.***

Esse ano se passou de certo modo sob o signo do *Angelus Novus*, uma vez que Benjamin tentou também criar uma revista de crítica cultural – dedicada à crítica, à poesia e à filosofia – que teria esse nome. Ele chegou a firmar contrato com o editor Richard Weissbach, de Heidelberg, que se prontificou a publicar a revista. Para Benjamin, a revista não deveria se guiar pelo público; sua atualidade seria derivada de sua capacidade de expressar o espírito da época.

* Com relação a este ensaio, cf. G. Agamben, *Estado de exceção*, trad. I. Poletti. São Paulo: Boitempo, 2004; assim como o meu artigo “Walter Benjamin: o estado de exceção entre o político e o estético” em M. Seligmann-Silva (org.), *Leituras de Walter Benjamin*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2ª ed., revista e ampliada, 2007, p. 213-238.

** Reijen e Doorn, 2001, op. cit., p. 70.

*** Reijen e Doorn, 2001, op. cit., p. 71.

Em 1922, ele concluiu um longo ensaio sobre *As afinidades eletivas*, de Goethe. Trata-se de um trabalho que ele iniciara dois anos antes e que só seria publicado em 1924. Ele realizou aí o que predicara para a sua revista não realizada: o mergulho em uma obra, sem se deter na época ou na comparação com outras obras. Benjamin prezava muito esse ensaio, que desenvolve uma série de conceitos importantes, como o de “teor coisal” (*Sachgehalt*) e “teor de verdade” (*Wahrheitsgehalt*) da obra, ou ainda se estende sobre a questão do sem-expressão (*Ausdruckslos*), como uma variante da teoria do sublime, como expressão do terror e da violência. É uma das obras mais importantes dos anos 1920 na produção de Benjamin e muitas vezes tem sua importância reduzida por críticos que tendem a privilegiar nesse ensaio uma tentativa de Benjamin com vistas a uma espécie de elaboração do amor que teve então por Julia Cohn, a quem ele dedica o texto e que teria afinidades com Otilie, uma das protagonistas da novela de Goethe.

Os anos de 1921 e 1922 também foram marcados pela intensa amizade com Florens Christian Rang, que Benjamin conheceu em 1920. Rang, um profundo conhecedor de literatura, de teologia protestante e de direito, foi de grande importância para o trabalho que Benjamin viria a escrever sobre o drama barroco alemão.

Em outubro de 1922, Benjamin cogitou então a possibilidade de realizar em Heidelberg sua livre-docência (condição para se tornar professor até pouco tempo, na Alemanha) em germanística moderna. Após uma sondagem, percebeu que as possibilidades eram escassas diante do antissemitismo que imperava na faculdade de Letras.* Poucos meses depois, em março do ano seguinte, já tinha

* Bernd Witte, *Walter Benjamin. Une biographie*, éd. française revue et augmentée, trad. A. Bernold. Paris: Éditions du Cerf, 1988, p. 81.

claro seu plano de escrever um trabalho de habilitação sobre a forma do *Trauerspiel* [drama barroco alemão], tema que lhe fora sugerido pelo professor de germanística de Frankfurt, Franz Schultz. Este, no entanto, depois recusou o trabalho de Benjamin, o *Ursprung des Deutschen Trauerspiels* [*Origem do drama barroco alemão*], assim como o fez Hans Cornelius, professor de filosofia em Frankfurt, cujo assistente era Max Horkheimer. Benjamin estava ciente de que seu ensaio – composto por cerca de meio milhar de citações e baseado em uma ousada teoria neoplatônica das formas literárias – ia contra as regras da academia. Esse ensaio de Benjamin deve ser considerado como um dos textos mais radicais e um dos frutos mais inteligentes da cultura europeia da primeira metade do século XX.

Ainda durante a redação de seu livro sobre o barroco, em uma estada em Capri, em 1924, Benjamin conheceu Asja Lacis, uma dramaturga letã bolchevique um ano mais velha do que ele, e se apaixonou por ela. Trata-se decerto da paixão mais arrebatadora que ele viveu. Seu livro de aforismos *Rua de mão única* foi dedicado a ela com um texto eloquente: “Esta rua chama-se Rua Asja Lacis, em homenagem àquela que, na qualidade de engenheira, a rasgou dentro do autor”. Lacis abriu para Benjamin o mundo da nova literatura marxista, representada então por obras como *História e consciência de classe*, de Lukács, que Benjamin leu já em 1925. Scholem comenta que por uma artimanha do “acaso” Benjamin foi ao encontro do “comunismo radical” apenas um ano após ele (Scholem) ter emigrado para a Palestina.* Mas a verdade é que Benjamin se volta para o marxismo – e não tanto para o comunismo – por influxo não apenas de Lacis, mas também de Bloch

* Gershom Scholem, *Histoire d'une amitié*, trad. P. Kessler. Paris: Calmann-Lévy, 1981, p. 143.

e de uma circunstância histórica e social que definiu essa guinada na vida de muitos intelectuais de então. O próprio Benjamin encontrava-se desde 1923 em uma situação de penúria econômica cada vez mais acentuada. Sua esposa, Dora, o sustentou entre 1922 e 1923. Ele não podia mais contar com o apoio de seus pais. Seu pai, que viria a morrer em 1926, estava em bancarrota com a crise econômica na Alemanha do pós-guerra. A situação econômica de Benjamin não mudaria muito até o final de sua vida. Mas a virada para a esquerda não significou jamais uma adesão ao Partido Comunista. Ele encontrou nos autores marxistas um novo modo de revitalizar a crítica, o que já havia iniciado com sua leitura de F. Schlegel e de Novalis. O romantismo de esquerda, que mantém o desejo de uma pátria, foi reconhecido por ele prontamente como uma nova morada para seu pensamento e sua ação política.

A partir de 1926, ano seguinte ao fracasso do projeto de entrar na universidade, Benjamin voltou-se cada vez mais para a cultura francesa. Já nesse ano, teve sua primeira longa estada em Paris, entre maio e outubro. Ele escreveu um artigo sobre Goethe para a *Enciclopédia russa* que depois foi recusado. Nesse ano, também, concluiu seu volume *Rua de mão única*, uma obra que testemunha sua capacidade de pensar por imagens ou por meio do que ele chamava de “imagens do pensamento”. Trata-se de um verdadeiro e autêntico documento de seu profundo compromisso e conhecimento do que se passava nas vanguardas de então. Benjamin foi dos poucos filósofos – talvez o único antes de Derrida – que soube transportar a dinamite das vanguardas para a prática da filosofia. Entre dezembro de 1926 e janeiro de 1927, ele empreendeu uma visita a Asja Lacis em Moscou – um fiasco do ponto de vista emocional e político. Seus *Diários de Moscou* podem ser lidos como um dos documentos mais

personais que ele produziu. Nessa época, para se sustentar, conseguiu ser aceito como colaborador no *Frankfurter Zeitung* (importante publicação de caráter cultural da época, que tinha em seu centro a figura de Siegfried Kracauer) e na revista *Literarische Welt*. Vale lembrar que entre 1926 e 1929 Benjamin publicou uma média de trinta artigos por ano, entre eles importantes textos como o sobre Proust (“Para uma imagem de Proust”) e “História cultural do brinquedo”.

O compromisso de Benjamin com o surrealismo pode ser lido em seu ensaio particularmente profundo sobre o tema de 1927 (“O surrealismo”). Nesse ano, ele também conseguiu fazer algum dinheiro jogando roleta e se presenteou uma entrada no mundo tecnológico moderno fazendo um voo da Córsega para Antibes. Em Paris, deu início também nesse ano ao seu maior e mais ambicioso projeto, que o acompanharia até 1940: o projeto das *Passagens*. Nele, tentaria fazer uma história do século XIX a partir de Paris e, mais especificamente, tendo no seu centro esse fenômeno arquitetônico das passagens comerciais. Tal projeto nunca foi concluído.

O ano de 1928 abriu-se para Benjamin de modo auspicioso: foram publicados dois livros dele, *Rua de mão única* e seu longo ensaio sobre o drama barroco alemão. Mas a falta de perspectivas concretas de trabalho fez com que cedesse aos convites de Scholem para ir à Palestina. Ele aceitou uma verba enviada pela Universidade Hebraica de Jerusalém (cerca de 3,6 mil marcos; ao redor de seiscentos euros hoje), a mando de seu primeiro reitor, Jehuda Leon Magnes. Essa verba deveria financiar seus estudos de hebraico, preparatórios para a emigração – que na verdade nunca se concretizou.

Na carta que Benjamin enviou a Scholem em janeiro de 1930, mais uma vez postergando sua ida à Palestina,

escrevendo sugestivamente em francês a um amigo com quem de resto só se correspondia em alemão, ele afirma que seu desejo é o de “ser considerado como o primeiro crítico da literatura alemã”.* Para tanto, ele teria que refundar a crítica como gênero. De certo modo boa parte do trabalho de Benjamin nesse período convergiu para tal fim. Mas apenas cerca de trinta a quarenta anos após a sua morte é que ele foi reconhecido como esse crítico número um.

Nesse mesmo ano de 1930, Benjamin aproximou-se de Brecht (que ele conhecera através de Laxis em maio de 1929) e planejou editar com ele uma revista que se chamaria *Krisis und Kritik* [*Crise e crítica*]: novo plano que nunca saiu do papel. Entre novembro de 1929 e janeiro do ano seguinte, Benjamin viveu com Asja Laxis em Berlim, cidade onde ele morava com sua esposa Dora, residindo ainda na casa de seus pais, a mansão na Delbrückstrasse, nº 23, em Grünewald, que fora construída por sua família em 1912. Em 1930 ocorreu o divórcio do casal, que custou a Benjamin uma condenação penal a pagar uma altíssima indenização à sua ex-esposa. Nesse mesmo ano sua mãe morreu. Foi apenas com esta morte que Benjamin pôde, aos 38 anos, se “emancipar” de sua família. Em uma carta a Scholem, ele se lamentou: “Não é fácil encontrar-se na soleira dos quarenta sem posses e colocação, casa e patrimônio”.**

Benjamin, nos anos 1930-31, fez uso várias vezes de haxixe. Essa prática deu-se no contexto de experimentos semelhantes feitos pelos surrealistas. Ele, algumas vezes na companhia de Bloch, fazia anotações e era acompanhado por dois médicos durante essas experiências e caminhadas

* Walter Benjamin, *Gesammelte Briefe*, org. por Christoph Gödde e Henri Lonitz. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1997, vol., III, p. 502.

** Benjamin, 1997, op. cit., p. 530.

pelo “paraíso artificial”, lembrando a expressão de Baudelaire de 1860. Benjamin em 1932 ainda planejava publicar um livro a partir desses protocolos: outro projeto que se desfez no ar.*

No final de 1930, Benjamin encontrou um pouco de paz após mudar-se para um pequeno apartamento em Wilmersdorf, Berlim: a última vez que ainda pôde se ver rodeado pelos seus cerca de 2 mil livros. Em 1931, publicou seu belo texto “Desempacotando minha biblioteca”, uma profunda reflexão sobre livros e o colecionismo. Mas essa paz durou pouco. Em maio e junho desse ano, encontrava-se deprimido e expressava cada vez mais o desejo de pôr fim à sua vida. Em agosto, em meio a uma profunda depressão, escreveu um texto intitulado “Diário de 7 de agosto de 1931 até o dia da morte”. Esse diário foi apenas até 16 de agosto. Mas sua primeira frase é desencorajadora: “Este diário não promete ser muito grande”. Como antídoto à depressão, em grande parte provocada pela desilusão sobre a situação política e por sua vida privada, ele se ocupou em fazer uma coletânea de cartas de autores alemães, tentando assim mostrar uma espécie de outra tradição do pensamento alemão que não a que estava a ponto de desaguar em um tipo mortífero de nacionalismo. Essa coletânea de cartas, denominada de *Deutsche Menschen* [*Pessoas alemãs*], foi publicada em 1936 na Suíça sob o pseudônimo de Detlef Holz. Entre 1931 e 1932 essas cartas selecionadas – de autores como Goethe, Kant, Büchner, Hölderlin, F. Schlegel, Baader – foram publicadas no *Frankfurter Zeitung*.

Em 1931 Benjamin escreveu também seu “Pequena história da fotografia”, que ele concebia já como parte de seu trabalho sobre as passagens. Sua análise do fim da arte aurática, iniciada aí, ele desenvolveria nos anos seguintes.

* Scholem, 1981, op. cit., p. 199.